

O PRECONCEITO SOFRIDO PELAS PROFISSIONAIS DO SEXO

Gleicy Kelly Camilo 

Graduanda em Enfermagem no Centro
Universitário FAEMA – UNIFAEMA.
E-mail: gleicycamilo1@gmail.com

Julia Souza Silva 

Graduanda em Enfermagem no Centro
Universitário FAEMA – UNIFAEMA.
E-mail: juliassilva.js@gmail.com

Luana Lacerda da Costa 

Graduanda em Enfermagem no Centro
Universitário FAEMA – UNIFAEMA.
E-mail: luanalacerda199@gmail.com

Nathalia Françoço Lopes 

Graduanda em Enfermagem no Centro
Universitário FAEMA – UNIFAEMA.
E-mail: francozo.lopes@gmail.com

Rayanne Carrara Nunes 

Graduanda em Enfermagem no Centro
Universitário FAEMA – UNIFAEMA.
E-mail: carrararayanne2@gmail.com

Jessica de Sousa Vale 

Mestrado em Saúde e Educação pela
Universidade de Ribeirão Preto – UNAERP
e Docente no Centro Universitário FAEMA –
UNIFAEMA.
E-mail: jessicadesousavale@gmail.com

Submetido: 11 fev. 2022.

Aprovado: 16 fev. 2022.

Publicado: 24 fev. 2022.

E-mail para correspondência:

jessicadesousavale@gmail.com

Este é um trabalho de acesso aberto e distribuído sob os Termos da *Creative Commons Attribution License*. A licença permite o uso, a distribuição e a reprodução irrestrita, em qualquer meio, desde que creditado as fontes originais.
Imagem: StockPhotos (Todos os direitos reservados).



Open Access

Introdução

Desde Grécia antiga há relatos sobre prostituição como profissão, no qual as mulheres eram até vistas como deusas em algumas culturas. Porém, mesmo assim, as profissionais do sexo já sofriam preconceitos na sociedade, principalmente quando envolvia religião e espiritualidade. Pois, para os cristãos, o corpo não era feito para sentir prazer através da relação sexual e sim apenas para a reprodução de sua espécie. O corpo era algo que deveria ser preservado e o sexo era a maior forma de contaminação. ^{(1), (2)} A prostituição tem sido uma das práticas mais antigas, envolvendo dinheiro ou outros tipos de benefícios em troca de prazeres sexuais. Até hoje, essas profissionais são vítimas de preconceitos, as quais são vistas pela sociedade com um olhar de desonra, devassidão. Deve-se destacar o alto grau de vulnerabilidade que as profissionais do sexo que estão expostas, frequentemente, a diferentes formas de violência, devido a sua profissão. As mulheres ingressam na prostituição muitas vezes pela falta de emprego, carência afetiva, falta de perspectiva, baixo índice de escolaridade e/ou violência doméstica. O preconceito é um julgamento criado por meio da intolerância, levando muitas vezes as profissionais do sexo ao distanciamento da atenção primária, porta de entrada do Sistema Único de Saúde (SUS). Por vergonha ou medo de exposição social, elas não procuram os serviços públicos como as Unidades Básicas de Saúde (UBS) ou a Estratégia de Saúde da Família (ESF) para consulta, orientação e prevenção. Dessa forma, o objetivo do presente estudo é o de identificar os aspectos pessoais, psicossociais e da saúde das profissionais do sexo, abordando as percepções e práticas de saúde das profissionais do sexo, e relações com os preconceitos aos quais estão submetidas. ^{(1), (2)}

Objetivos

O objetivo do presente estudo é relacionar os aspectos pessoais, psicossociais e da saúde das profissionais do sexo, abordando as percepções e práticas de saúde das profissionais do sexo, e relações com os preconceitos aos quais estão submetidas.

Metodologia

Trata-se de um estudo bibliográfico com abordagem descritiva exploratório, com base nos materiais publicados em banco de dados online. Foram analisados e utilizados trabalhos científicos localizados nos sistemas virtuais de dados, como a Biblioteca Virtual em Saúde.

Resultados e Discussões

Na maioria dos casos, as mulheres que passam a ser profissionais do sexo, vivem em condições de extrema pobreza ou em comunidades menos desenvolvidas, e enfrentam a falta de recursos financeiros⁽³⁾. Tal cenário faz com que estas busquem meios para sobreviver. A temática da prostituição no Brasil é uma questão de saúde pública de cunho social⁽²⁾⁽⁴⁾. Apesar de toda a problemática envolvendo esta situação, instituições sociais lutam para obtenção dos direitos destas profissionais, perante a sociedade, até a legalização da profissão como “Profissional do Sexo”.⁽¹⁾

Entre os aspectos mais destacados como de dificuldade em atuar nesta área, pode-se citar o modo como a sociedade e seus familiares as veem. Os impactos desse tipo de trabalho nas relações familiares e na sociabilidade devem-se ao medo e à vergonha. Essas mulheres buscam soluções e táticas de defesa para se inserir numa sociedade que aponta, marginaliza e rotula sua atividade⁽⁵⁾. É interessante como o trabalho estrutura não só a relação com o mundo, mas também as relações sociais e as percepções, que estão personificadas para o próprio sujeito.⁽⁴⁾

As profissionais do sexo têm muitos parceiros sexuais, denominados “clientes”, e como sabemos, o uso de preservativo nem sempre é constante, portanto, elas correm riscos maiores de contrair ISTs (Infecções Sexualmente Transmissíveis). Neste sentido, se faz essencial o uso de preservativo, evitando uma possível gravidez indesejada ou alguma doença sexual⁽¹⁾. Quando se fala em ISTs, a sociedade relaciona as profissionais do sexo como possíveis transmissoras da infecção, pelo fato de terem uma multiplicidade de parceiros, não tomando, por vezes, os cuidados necessários para sua prevenção, como o uso do preservativo.

Sabemos que a maior prevenção de transmissão das ISTs é o uso constante de preservativos, entretanto as profissionais do sexo têm uma grande dificuldade em convencer os clientes a usá-los. Existem clientes que dão preferência para as profissionais que realizam o ato sexual sem a necessidade do preservativo, devido à necessidade dos recursos financeiros, acabam virando reféns dessas situações⁽¹⁾. É perceptível que algumas profissionais quando procuram unidades de saúde não relatam que trabalham como profissionais do sexo, pois têm receio de não serem bem recebidas e cuidadas como todas as outras cidadãs. Normalmente vão à busca de atendimento apenas quando existe forte necessidade. Geralmente essas mulheres relatam apenas as questões ginecológicas e não sobre sua saúde/doença em outros aspectos. Não ocorre a conscientização de que elas têm o direito de terem um bem-estar geral e acesso a serviços preventivos.



É necessário o desenvolvimento de políticas públicas de saúde para trabalhar diretamente com essas profissionais, trazendo-as para a sociedade, como de fato devem ser cidadãs, sem preconceito ou criminalização ⁽⁶⁾ ⁽⁷⁾.

Conclusão

A elaboração desse trabalho possibilitou um olhar diferente de questões tão esquecidas e desvalorizadas. Algumas discussões e questionamentos sobre a maneira como profissionais do sexo se cuidam e percebem que são cuidadas, vão além de suas necessidades pessoais e impactam a saúde pública. É necessário um investimento em maior número de pesquisas voltadas a esse tema, visto a precariedade de estudos nessa área. Além dos fatores psicossociais aqui levantados, são inúmeras as questões a serem exploradas diante desse público. Destaca-se a importância da Atenção Primária à Saúde (APS) para o processo de educação em saúde, a promoção da saúde e a prevenção de doenças

Palavras-chave: Profissionais do sexo. Preconceito. Saúde da mulher. IST.

Referências

1. Silva AA. Experiências Urbanas de Mulheres Profissionais do Sexo. 2019. 154f. Dissertação (mestrado em psicologia) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 22 jan 2019. Disponível em: https://repositorio.ufrn.br/jspui/bitstream/123456789/26817/1/experi%C3%Aanciasurbanasmulheres_silva_2019.pdf. Acesso em: 10 fev. 2022.
2. Schmalfluss JM, et al. Profissionais do Sexo: A cumplicidade Como Enfrentamento Das Vulnerabilidades. :Revista Grifos, Chapecó; 2019 28(46); 70-87. Revista Grifos. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/4493/2752>. Acesso em: 10 fev. 2022.
3. Da Silva AP, et al. Entre Prazeres e Sofrimentos. Cadernos de Psicologia Social do Trabalho, São Paulo. 2018 21(2).181-195. Universidade de São Paulo, Agencia usp de Gestão da Informação Acadêmica (aguia). Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/cpst/v21n2/a06v21n2.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2022.
4. Alves CS, et al. Qualidade de Vida Dos Profissionais do Sexo. Revista de Trabalhos Acadêmicos-Universo Salvador. 2018 4(2). Disponível em: <http://revista.universo.edu.br/index.php?journal=1universosalvador2&page=article&op=view&path%5b%5d=4351>. Acesso em: 10 fev. 2022.



5. Costa TVA, et al. Prejudice, Familiar Relations And Health Practices Related to sex Workers: a Qualitative Approach.: A Qualitative Approach. Revista Médica de Minas Gerais. 2018 28(4), p. 56-62.gn1 Genesis network. Disponível em: <http://www.rmmg.org/artigo/detalhes/2308>. Acesso em: 10 fev. 2022.
6. Da Cruz NL, et al. O Cuidado Com a Saúde Das Mulheres Profissionais Do Sexo: Uma Revisão Narrativa. Disciplinarum Scientia| Saúde. 2016 17(3). 339-352. Disponível em: <https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarums/article/view/2137/1929>. Acesso em: 10 fev. 2022.
7. Schmalfluss JM, et al. Profissionais do Sexo: A cumplicidade Como Enfrentamento Das Vulnerabilidades. :Revista Grifos, Chapecó. 2019 28(46). 70-87. Revista Grifos. Disponível em: <https://bell.unochapeco.edu.br/revistas/index.php/grifos/article/view/4493/2752>. Acesso em: 10 fev. 2022.